

CIDADES

Dona Onete diz que o Pará é resistente

IGARAPÉ-MIRI

Ela se prepara para mais uma turnê pela Europa, após fazer sucesso em Paris

“Eu enxergo o Pará como uma nação, que quase não depende de ninguém”, diz Ionete da Silveira Gama, a Dona Onete, 79 anos, que lecionou História e Estudos Paraenses por 25 anos em Igarapé-Miri, foi secretária de Cultura do município e acumula um vasto conhecimento sobre a cultura amazônica. Nasceu em Cachoeira do Arari, na ilha do Marajó, a rainha do “carimbó chamegado”, como ela se autodenomina, também morou em Belém, mas passou a maior parte da vida em Igarapé-Miri, município com cerca de 60 mil habitantes, no nordeste paraense. Foi lá que cresceu como ribeirinha, tirando água direto do Rio das Flores - ao qual carinhosamente se refere como “Rio dos meus encantos”, subindo em mirritizeiros, entrando no mato, colando castanha.

Toda essa bagagem e contato com as tradições da Ama-



Dona Onete se revelou para a música em 2009, juntamente com o grupo Coletivo Rádio Cipó

“Senti que eu tinha colocado uma bandeira do Pará lá naquelas alturas”

Em 2016, lançou seu segundo álbum de inéditas, “Banzeiro”. Dentre os vários hits, “No Meio do Pitiú” foi o que mais ganhou destaque, considerado o grande “boom” na carreira de Dona Onete. A canção narra uma história que a compositora escutou ainda na infância, quando morava em Belém. “Tinha um senhor que contava que, certa vez, um ‘urubu malandro’ do Ver-o-Peso viajou para o Marajó, e durante uma semana, comeu tudo o que podia, mas mesmo assim vivia triste. Ai um outro urubu perguntou pra ele: ‘Cumpadre, o que o senhor tem? tá triste por quê?’ e ele respondeu ‘ah cumpadre, aqui tem tudo, bem que você disse que tem muita comida. Mas eu tô sentindo uma saudade daquela sacanagem lá do Ver-o-Peso’. Ai quando eu fiz a música, tive vergonha de usar esse termo, por causa das crianças. Mas o público pediu, nós gravamos, e deu certo”, conta.

EUROPA



“Quando eu falava da cidade pros meus alunos, eles diziam: ‘ah, mas Igarapé-miri é feio’

zônia, levaram Dona Onete a compartilhar sua experiência com outras gerações de paraenses. O amor pela “Terra do Açaí”, como é conhecido o município, é marca registrada da compositora, que costumava levar para a sala de aula a valorização da cultura mirriense. “Quando eu falava da cidade pros meus alunos, eles diziam ‘ah, mas Igarapé-Miri é feio’. Então eu ensinei eles a amaremar a cidade, com tanto gosto que eu falava, e eles começaram a pesquisar junto comigo”, afirma, orgulhosa.

O município é fonte de inspiração para várias das mais de 300 composições musicais de Dona Onete. Um dos seus mais recentes lançamentos, “Boto Namorado”, destaque na novela das 9 da Rede Globo, “Força do Querer”, fala sobre a famosa lenda do boto cor-de-rosa, tradicional no folclore paraense. A canção é fruto da inesquecível experiência da cantora com os botos, cetáceos da família dos golfinhos, presentes na fauna amazônica. “Os botos foram o meu primeiro público, no Rio das Flores, em Igarapé-Miri. Eu jogava flores e jambu-rosa para eles. No primeiro dia apareceu um, depois dois e então



“Os botos foram o meu primeiro público, no Rio das Flores, em Igarapé-Miri.

já eram muitos, mais de dez, aí a minha tia, com medo, me mandou de volta pra Belém. Eu prometi pros botos que eu os reencontraria um dia, nem que fosse depois de 50 anos. Ai nós fomos fazer uma reportagem em Belém, onde eu vinha cantando em um barco, e eles apareceram, fazendo festa pra mim. Foi inacreditável, ali eu me encontrei”, declara.

O sonho de ser cantora profissional se tornou realidade apenas em meados de 2009, quando Dona Onete, até então conhecida como “Professora Nete”, ou simplesmente “Nete”, entre os mais íntimos, já tinha 70 anos de idade e foi revelada pelo grupo de pesquisa sonora e visual “Coletivo Rádio Cipó”, enquanto cantava em uma festa de carimbó. O hobby se tornou ofício e a música a consagrou como uma estrela, atingindo um patamar alcançado por poucos na cultura paraense. Ao ser rebatizada pelo grupo que a descobriu, Dona Onete conta que ficou preocu-

pada com seu novo nome artístico, mas que depois se acostumou. “Acho que é preciso algo acontecer para o sucesso vir. Eu acredito que esse ‘dona’ me trouxe alguma coisa, porque eu fiquei reconhecida”.

Esse reconhecimento apareceu rapidamente, junto com a fama. Gravou seu primeiro CD, “Feitiço Caboco” em 2012, que a projetou no mercado musical nacional e internacional, despertando o interesse de várias produtoras da Europa.

Deu tão certo que a fama alcançada por suas composições chegou até Paris, na França, onde Dona Onete fez show no ano passado. Sua primeira turnê internacional também a fez levar o “carimbó chamegado” para a Holanda, Alemanha e Reino Unido. “Eu cantei o pitiú, cantei o Ver-o-Peso, e senti que eu tinha colocado uma bandeira do Pará lá naquelas alturas”, lembra, emocionada. E todo esse sucesso se repetiu com o seu mais recente trabalho, “Banzeiro”. A faixa que dá nome ao álbum foi reproduzida no Carnaval de 2018 em várias cidades, como Salvador e Rio de Janeiro, e uma turnê internacional de divulgação do disco já tem datas confirmadas na Dinamarca, Malásia, Portugal, além de uma apresentação na Arena da Amazônia, em Manaus. “Quando eu poderia sonhar com uma coisa dessas?” questiona-se a artista.

Depois de anos de experiência como cantora e como professora, Dona Onete faz questão de mostrar o orgulho e a gratidão que sente por sua terra natal e tudo o que conquistou nela. “O Pará eu levo na costa, porque é muito pesado. Belém eu levo no meu coração. E o carinho desse povo vem aqui, comigo, me dando forças. Apesar de tudo que tem acontecido aqui, o Pará é resistente. A gente tem sangue de índios, de negros, de portugueses. É tanto sangue que a gente carrega, que isso é a nossa fortaleza. A gente vai, no meio de tudo isso, se sair bem”, conclui.

FÚNEBRES

ELVIRA REBÊLO

MISSA - 7º DIA

A família Rebêlo, com grande pesar, comunica aos parentes e amigos o falecimento da querida **ELVIRA** dia 19/06 no Hospital Belém e, convidada para a Missa de 7º Dia na Capela Santo Antonio de Lisboa - Bat. Campos, às 17:00h, dia 25/06 (2ª feira).
Agradece a todos que comparecerem a esse ato de fé cristã.

jazigos perpétuos
O AMOR E AS LEMBRANÇAS SÃO ETERNOS.

Uso imediato sem cânticos.
Apenas R\$ 1.300,00 de sinal

(91) 3226.0956
WWW.PARQUEDAETERNIDADE.COM.BR

PARQUE DA ETERNIDADE
DIGNIDADE POS-VIDA

“Ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém.”

Orlando Salomão Zoghbi

★01/02/1927 - †29/05/2018

30º dia de Saudades

MISSA

A família de **ORLANDO SALOMÃO ZOGHBI**, ainda imersa na dor da sua partida, convida os parentes e amigos para a missa de 30 dias, que será celebrada dia 29/06/2018 (sexta-feira), às 19h30, na Capela de Nossa Senhora de Lourdes, localizada na Av. Gov. José Malcher, 1169 - Bairro Nazaré, ficando desde já agradecida a todos que comparecerem a esse ato de solidariedade, amor e fé cristã.

VISITA



Gerente da Vale visita O LIBERAL

A Vale, representada por **João Coral**, gerente executivo de Sustentabilidade, acompanhado dos jornalistas da Vale, **Carmem Oliveira** e **Livia Amaral**, visitou o jornal O LIBERAL para apresentar a retomada da atuação socioeconômica e ambiental

da Vale como contribuição para o desenvolvimento local das comunidades nos municípios onde a empresa desenvolve suas atividades no Pará. Na ocasião foram recebidos por **Guarany Jr** e **Carlos Namur**, diretores das Organizações Romulo Maiorana.